

## Felicidade e prazer: Um diálogo entre Epicuro e Skinner

Happiness and pleasure: a dialogue between Epicurus and Skinner

Felicidad y placer: un diálogo entre Epicuro y Skinner

Thais Tiemi Tamura<sup>1</sup>, Carolina Laurenti<sup>2</sup>

[1][2] Universidade Estadual de Maringá | **Título abreviado:** Felicidade e prazer | **Endereço para correspondência:** Departamento de Psicologia, Avenida Colombo, 5790 - Jardim Universitário - Maringá - PR - CEP: 87020-900, BLOCO 118, sala 04 - UEM | **Email:** thaisstamura@gmail.com | DOI: 10.18761/PAC.2016.050

**Resumo:** A discussão da felicidade e do prazer ocupou um papel central na filosofia de Epicuro. Para o filósofo, o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. B. F. Skinner também discorre a respeito da questão da felicidade e do prazer. Contudo, argumenta que, mesmo com a abundância de eventos prazerosos na sociedade ocidental, as pessoas estão infelizes. Apesar dessa e de outras diferenças, este texto discute alguns pontos de aproximação entre as filosofias de Epicuro e de Skinner. Com isso, mostra não apenas que uma acepção comportamentalista radical da felicidade poderia ser esclarecida pela filosofia epicurista, mas também lança luz sobre o desafio contemporâneo de conciliar o desfrute da vida e a sobrevivência das culturas.

**Palavras-chave:** antiplatonismo, hedonismo, comportamentalismo radical, felicidade.

**Abstract:** The discussion concerning happiness and pleasure occupied a central role in the philosophy of Epicurus. According to the philosopher, pleasure is the beginning and the end of a happy life. B. F. Skinner also elaborated on the issue of happiness and pleasure. However, he argues that even with plenty of pleasant events in Western society, people are unhappy. Despite these and other differences, this article discusses some points of proximity between the philosophies of Epicurus and Skinner. Thus, it shows not only that Epicurean philosophy could clarify the radical behaviorist's idea of happiness, but it also sheds light on the contemporary challenge of reconciling the enjoyment of life and the survival of cultures.

**Keywords:** Anti-Platonism, hedonism, radical behaviorism, happiness.

**Resumen:** La discusión acerca de la felicidad y del placer ha ocupado un papel central en la filosofía de Epicuro. Para el filósofo, el placer es el inicio y el final de una vida feliz. B. F. Skinner también discurre a respecto del tema de la felicidad y del placer. Sin embargo, argumenta que aún con la abundancia de ocasiones placenteras en la sociedad occidental, las personas están infelices. A pesar de estas y otras diferencias, este trabajo discute algunos puntos de acercamiento entre las filosofías de Epicuro y de Skinner. Así, el texto muestra no apenas que la acepción conductista radical de la felicidad puede esclarecerse a través de la filosofía epicúrea, sino que también clarifica el desafío contemporáneo de conciliar el disfrute de la vida y la sobrevivencia de las culturas.

**Palabras-clave:** anti-platonismo, hedonismo, conductismo radical, felicidad.

A despeito da diversidade de contextos e de sentidos que a palavra *felicidade* assume, ao menos nas discussões filosóficas sobre o tema, a figura emblemática do pensador grego Epicuro (341-270 a.C) é geralmente lembrada (Abbagnano, 1971/1998; Comte-Sponville, 2001; Ferrater Mora, 1994/2001; Onfray, 2006/2008; Schopenhauer, 1999/2001). Epicuro (n.d./2002) tece considerações a respeito da felicidade principalmente no âmbito de seu sistema ético. A ética epicurista é caracterizada por ser um hedonismo (Chauí, 2009), ou seja, é uma tendência filosófica que considera o prazer como um bem (Ferrater Mora, 1994/2001). Epicuro (n.d./2002), consonante com os princípios hedonistas, afirma que “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz” (p. 37).

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), precursor da análise do comportamento e da filosofia dessa ciência, o comportamentalismo radical, também se pronunciou sobre a felicidade. Skinner (1987) alegou que a felicidade, apesar de não ser o problema mais sério do mundo, ainda é um “problema fundamental” (p. 15) e que “a análise experimental do comportamento ajuda nessa busca [pela felicidade] identificando as condições essenciais da felicidade” (Skinner, 1979/1990, p. 105).

Em alguns momentos, o conceito de felicidade ganha esclarecimento na teoria skinneriana com base na noção de prazer. Em uma análise crítica a respeito da sociedade ocidental, Skinner (1987) declarou, por exemplo, que as pessoas estão infelizes porque não estão desfrutando suas vidas: “elas não gostam do que fazem; não fazem aquilo que gostam de fazer” (p. 15). Ele destacou, ainda, a importância de uma cultura propiciar uma vida prazerosa e feliz aos seus membros, caso queira evitar “descontentamento e deserção” (Skinner, 1971/2002, p. 152), pois, “por definição, a supressão de qualquer comportamento positivamente reforçado torna um modo de vida menos reforçador. Interferir na busca do prazer é particularmente ressentir-se” (Skinner, 1969, p. 70).

Contudo, em outros momentos, Skinner (1979/1990, 1987) sugeriu que o prazer, por si só, não parece ser suficiente para garantir a felicidade. Considerando que “os reforçadores positivos dão prazer” (Skinner, 1989, p. 83), ele afirmou que “a felicidade não se encontra na posse de reforçadores

positivos” (Skinner, 1979/1990, pp. 105-106). Skinner (1987) ilustra esse ponto mostrando que a despeito de a sociedade ocidental disponibilizar muitos eventos prazerosos, como pinturas bonitas, comidas deliciosas, livros interessantes, performances divertidas, as pessoas estão “infelizes” (Skinner, 1987, p. 15).

Pautando-se nesses aspectos, da perspectiva skinneriana o prazer não parece ser o início e o fim de uma vida feliz, como afirmava Epicuro. Todavia, antes de apartar, definitivamente, a discussão da felicidade de Skinner do epicurismo, é preciso detalhar a teoria do filósofo hedonista, pois Epicuro (n.d./2002) pondera que nem todos os prazeres devem ser almejados, ao mesmo tempo que nem toda dor deve ser evitada na busca pela felicidade. Sob esse novo lume, a filosofia de Epicuro não deve ser associada à busca desenfreada pelo prazer, à maximização dos desejos, à abundância e aos excessos (Onfray, 2008). Por outro lado, o próprio Skinner não parece ter se afastado totalmente da doutrina hedonista ao dizer, por exemplo, que “os princípios do hedonismo . . . não estavam errados, eles eram simplesmente incompletos” (Skinner, 1969, p. 10), e que a análise do comportamento poderia colocar a filosofia que recorre ao prazer em boa ordem, sem, contudo, rejeitá-la totalmente (Skinner, 1974, p. 52).

Considerando esses possíveis pontos de aproximação, o objetivo deste ensaio é discutir o alcance de uma leitura epicurista da felicidade na filosofia de Skinner. Para tanto, serão estabelecidos alguns paralelos entre as filosofias epicurista e comportamentalista radical, buscando, após uma análise pormenorizada de alguns princípios e conceitos de cada uma dessas teorias, delinear aspectos da noção skinneriana de felicidade. A proposta, então, é, por meio de um diálogo com Epicuro, dar relevo a algumas teses de Skinner a respeito das possibilidades de uma vida feliz.

## Epicurismo e comportamentalismo radical como filosofias antiplatônicas

A filosofia epicurista é cronologicamente considerada a primeira grande construção filosófica helenística (Reale, 1975/2006). Ela pode ser dividida em

três partes interligadas: canônica, física e ética. A canônica é a teoria do conhecimento; nela Epicuro (n.d./2008) define os critérios para se distinguir o verdadeiro do falso. Já a física é a teoria da natureza, que trata da geração e da corrupção das coisas. Por fim, a ética ensina ao ser humano o que se deve procurar e o que se deve evitar para conduzir a uma vida feliz (Brun, 1959). A teoria do conhecimento e a teoria da natureza explicitam a materialidade atômica da filosofia epicurista. Epicuro (n.d./2008) afirma que “o todo é constituído de corpos e vazio” (p. 292), sendo os corpos formados por átomos.

O corpo, para Epicuro (n.d./2008), ocupa um papel central no julgamento da verdade ou falsidade das coisas, pois ele é condição para o conhecer. O corpo torna possíveis as sensações, os sentimentos, as apreensões imediatas que, por sua vez, são critérios de verdade. Vale ressaltar que a alma, na perspectiva epicurista, tem existência corpórea. Ela é constituída de partículas (átomos) que estão dispersas por todo o organismo, de modo que a morte seria indiferente aos indivíduos. Como afirma Epicuro (n.d./2010): “a morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é nada para nós” (p. 14), sendo assim, a morte não deveria ser fonte de sofrimento. Nessa ótica, a consciência de que a morte não significa nada possibilita a fruição da vida terrena; tendo em perspectiva que viver não é um fardo, assim como não viver não é um mal (Epicuro, n.d./2002).

Com base nesses pressupostos, Epicuro opõe-se radicalmente a um dos grandes pilares da filosofia clássica grega: o idealismo espiritualista de Platão (427-347 a.C.). A filosofia platônica considera a existência de dois mundos: o material (aparência) e o mundo das ideias (essências). Nessa concepção, a alma é um elemento fundamental no platonismo; uma vez que ela é a própria essência, torna-se a fonte de conhecimento Verdadeiro e do Bem. Segundo Platão (n.d./1961), “a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade” (p. 111). Dessa forma, a concepção de alma defendida por Platão (n.d./1961) não se aproxima da noção epicurista de alma.

Se, por um lado, o corpo é condição para o conhecimento na filosofia de Epicuro, ele é um entra-

ve ao conhecimento no platonismo, já que é fonte de erros. De acordo com Platão (n.d./1961), no momento em que a alma se vale dos sentidos para examinar as coisas ela se torna “inconstante, agitada e titubeia como se estivesse embriagada: isso, por estar em contato com coisas desse gênero” (p. 110). Dadas as perturbações ocasionadas pelo corpo e tudo que é relacionado a ele, a alternativa de Platão (n.d./1961) é subjugar o corpo à alma e, em decorrência disso, defender uma vida extracorpórea. Isso implica a desvalorização da vida presente, uma vez que todos os esforços desta vida serão em prol da esperança de encontrar, depois da morte, um lugar no mundo das essências.

À semelhança do epicurismo, o comportamentalismo radical pode ser considerado uma filosofia antiplatônica. Tendo em vista os princípios do platonismo, é possível fazer uma aproximação entre essa filosofia e o mentalismo. O mentalismo é, conforme a definição de Leão e Laurenti (2009), uma doutrina filosófica que explica o comportamento com base em uma mente substancial e imaterial. Os comportamentos seriam, então, explicados por meio de processos que ocorreriam em um substrato metafísico. Em vista disso, uma explicação mentalista do comportamento pode ser consistente com a existência de dois mundos: a dimensão física à qual o comportamento pertence e um “mundo de dimensões não físicas chamado mente” (Skinner, 1974, p. 11). A concepção de mentalismo permanece no pensamento ocidental há mais de dois mil anos e ressurgiu de tempos em tempos como uma nova versão de uma teoria antiga (Skinner, 1974). Apesar das novas expressões do mentalismo, Skinner (1974) alega que “quase todas as versões afirmam que a mente é um espaço não-físico no qual os eventos obedecem a leis não-físicas” (p. 36).

A separação entre mental e comportamental parece pressupor uma hierarquia, na qual o comportamento é subjugado à mente não-física. As explicações mentalistas usualmente atribuem um papel secundário ao comportamento, uma vez que seu agente causador é a mente, e o comportamento seria apenas uma manifestação ou um sintoma dessa mente ativa (Leão & Laurenti, 2009). Skinner (1974) argumenta em prol da desconstrução desse dualismo de mundos, afirmando que mesmo as discussões a respeito daquilo que é sentido ou

introspectivamente observado não remetem a “um mundo imaterial da consciência, mente ou da vida mental, mas ao próprio corpo do observador” (Skinner, 1974, pp. 18-19).

Como alternativa às teorias mentalistas, Skinner propõe explicar o comportamento com base nas contingências de reforçamento; o que implica em descrevê-lo especificando a inter-relação entre (1) a ocasião na qual uma ação ocorre; (2) a própria ação e (3) as consequências reforçadoras, produzidas pela ação (Skinner, 1969). Esse modo de explicar o comportamento tem nuances antiplatonônicas. Em primeiro lugar, a contingência de reforçamento encerra a descrição de uma *ação neste mundo*, e não em um mundo extracorpóreo como defendia Platão (n.d./1961). Em segundo lugar, o papel das consequências também corrobora com a divergência entre o platonismo e o comportamentalismo radical, já que a consequência da ação é entendida como uma mudança *neste mundo terreno*. Em terceiro lugar, a situação antecedente, entendida como uma dada configuração do cenário atual ou histórico, demarca, mais uma vez, que a explicação de um dado tipo de ação é secular, já que está contextualizada no *mundo natural* e não *sobrenatural* ou *metafísico*.

Pode-se afirmar, então, que a explicação do comportamento com base nas contingências de reforçamento não alude a uma entidade criadora e imaterial, como seria o caso de uma explicação mentalista, de inspiração platônica. A explicação do comportamento é *terrena*; o esclarecimento da função de um dado tipo de ação está na descrição da inter-relação dessa ação com outros tipos de eventos *mundanos* (antecedentes e consequentes). A ação está encravada no mundo (isto é, na situação antecedente e nas consequências), como Skinner (1957) resume na seguinte passagem: “homens agem sobre o mundo, modificam-no, e são modificados, por sua vez, pelas consequências de suas ações” (p. 1). O comportamentalismo radical parece, então, se aproximar da crítica epicurista ao dualismo de mundos e às explicações extracorpóreas do platonismo. Com isso, à semelhança de Epicuro, Skinner também deslocará a discussão da felicidade de um mundo essencial – do *post-mortem* – para situá-la *neste mundo, nesta vida*.

## Prazer e (in)felicidade em Epicuro

A felicidade é algo primordial no epicurismo: quando ela está presente, tem-se tudo; e quando ela não está, faz-se de tudo para alcançá-la (Epicuro, n.d./2002). Retomando a emblemática declaração do filósofo, tem-se que “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz” (p. 37); uma *vida feliz*, por sua vez, tem como finalidade a *saúde do corpo* e a *tranquilidade do espírito*. Desse modo, prazer, saúde do corpo e tranquilidade do espírito são indissociáveis na constituição da felicidade na filosofia epicurista. Mas a que tipo de prazer Epicuro se refere?

A relação entre felicidade e prazer é necessariamente articulada no sistema filosófico epicurista, pois, para se conservar a harmonia do corpo e a serenidade do espírito, é preciso conhecer os critérios de verdade explicitados pela canônica. Esses critérios viabilizam a avaliação da verdade e da falsidade das coisas e tal avaliação norteia os indivíduos em suas escolhas e recusas tendo como objetivo a vida feliz, ou seja, orientam a ética epicurista. Além disso, os cânones situam a discussão da felicidade no mundo material, dado que corpo e alma possuem a mesma natureza atômica. O prazer do corpo é atrelado ao prazer da alma, então, a saúde do corpo e a tranquilidade da alma pressupõem cuidados e ações nesta vida, não situando a felicidade, portanto, em outra instância. Ainda, a questão da felicidade é inconcebível se apartada da física, visto que conhecer a natureza, a geração e a corrupção das coisas suprime o temor vindo das coisas desconhecidas. Os fenômenos celestes, por exemplo, podem ser uma fonte de aflição, caso sua origem seja explicada pela benevolência ou malevolência dos deuses. Contudo, tais fenômenos são esclarecidos com base no conhecimento da natureza e da lógica dos átomos: eles não são obras dos deuses, se assim o fossem, os seres humanos viveriam aflitos por estarem à mercê das vontades divinas (Epicuro, n.d./2014).

A ética epicurista investiga o que se deve escolher ou rejeitar para conservar a serenidade do espírito e a saúde do corpo. Assim, Epicuro (n.d./2002) diferencia os desejos entre naturais e inúteis. Os naturais dividem-se nos que são necessários e não necessários. Os desejos naturais e necessários são

aqueles que suprimem o sofrimento, como comer quando se tem fome, beber quando se tem sede, ou seja, são os desejos que, quando sanados, mantêm a saúde do corpo. Já os desejos naturais não necessários são aqueles que, advindos de vãs opiniões, “diversificam o prazer sem remover o padecimento” (Epicuro, n.d./2010, p. 47); trata-se, por exemplo, dos desejos pelas comidas elaboradas e vinhos caros.

Por fim, os desejos inúteis (nem naturais, nem necessários) são os desejos difíceis de conseguir: títulos, coroas, homenagens a si mesmo; e são incompatíveis com a felicidade epicurista. Isso porque, ao almejar tais desejos, o indivíduo faz de tudo para realizá-los, e caso consiga satisfazê-los, fará de tudo para mantê-los – assim, ele, possivelmente, comprometerá a sua tranquilidade e saúde do corpo. Nesse aspecto, o conhecimento seguro dos diferentes desejos é imprescindível para direcionar as escolhas e recusas, visando à vida feliz.

Para Epicuro (n.d./2002), chega-se ao prazer puro (conforme os critérios de verdade) “escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor” (p. 37). Tal distinção deve considerar que embora nenhum prazer seja um mal em si mesmo, não se escolhe qualquer prazer; é preciso ponderar as consequências benéficas ou danosas advindas desses prazeres. Há situações nas quais se evitam vários prazeres, caso deles derivem consequências prejudiciais. Similarmente, existem ocasiões nas quais os sofrimentos são preferíveis aos prazeres, desde que um prazer maior advenha depois de suportar essas dores. Dessa maneira, nem todo prazer, mesmo que seja um bem por sua própria natureza, deve ser escolhido; assim como nem toda dor, mesmo sendo um mal, deve sempre ser evitada. Com efeito, Epicuro (n.d./2002) afirma: “convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos” (p. 39).

Em vista disso, o limite do prazer é a eliminação de tudo que provoca padecimento; em outros termos, é a satisfação dos desejos naturais e necessários. Ademais, uma vez eliminado o sofrimento derivado da carência, o prazer do corpo não aumenta, ele apenas se diversifica. Concernente a essa multiplicidade de prazeres disponíveis, deve-se ter em conta a *ponderação* dos prazeres. Trata-se, pois, de uma “aritmética dos prazeres” e de uma “dietética dos desejos” (Onfray, 2006/2008, p. 201). É

preferível renunciar ou privar-se de prazeres que perturbarão a paz da alma e a serenidade do corpo (Onfray, 2006/2008). Epicuro (n.d./2002) salienta:

Não são bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. (p. 45)

Em suma, o exame cuidadoso dos prazeres, proposto por Epicuro (n.d./2002), é orientado pelos critérios de verdade e o conhecimento da natureza, considerando que “não há meio, sem o estudo da natureza, de desfrutar *prazeres puros* [itálicos adicionados]” (Epicuro, n.d./2010, p. 30). Além do mais, é necessário conhecer a lógica dos desejos, reconhecer sua diversidade e saber diferenciá-los, para ponderar as escolhas dos prazeres, tendo em vista os prazeres dos quais não advenham desprazeres futuros. Nas palavras de Epicuro (n.d./2014), deve-se questionar em relação aos desejos: “o que acontecerá comigo se eu atingir aquilo que o desejo persegue e o que acontecerá se não atingir?” (p. 66). Assim, o prazer ao qual Epicuro (n.d./2002) se refere quando afirma que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz é um prazer frugal, resultado da ponderação entre desprazeres e prazeres. É um prazer definido como “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (Epicuro, n.d./2002, p. 43).

## Reforçamento operante e prazer

De acordo com Skinner (1957), o operante é aquele comportamento que produz consequências e é *afetado* por elas. No caso do reforçamento positivo, o efeito comportamental das consequências é o aumento da probabilidade de ações semelhantes acontecerem no futuro, em função da produção de eventos reforçadores positivos.

Mas o reforçamento positivo não produz apenas um efeito comportamental; ele gera também um efeito corporal, que foi aprendido a ser denominado de prazer: “reforçadores positivos dão prazer. Eles

são chamados de agradáveis e o comportamento que eles reforçam um prazer” (Skinner, 1989, p. 83). Dessa perspectiva, o processo de reforçamento positivo está associado ao sentimento de prazer: “dizemos que coisas reforçadoras nos agradam, que nós gostamos delas, que nós as sentimos como boas” (Skinner, 1987, p. 17) e “diz-se que alguém sente prazer (o reforçamento é agradável) . . .” (Skinner, 1974, p. 175). A relação entre reforçadores positivos e prazer pode ser tão estreita que “algumas vezes é possível descobrir o que reforça uma pessoa simplesmente perguntando o que ela gosta ou sente sobre determinadas coisas” (Skinner, 1974, p. 53).

Assim, é possível afirmar que o reforçamento positivo aumenta a probabilidade de ocorrência de um dado tipo de comportamento e produz prazer. Skinner (1987) destaca, portanto, dois efeitos do processo de reforçamento positivo, um efeito prazeroso (corporal) e um efeito fortalecedor (comportamental): “deveríamos distinguir entre os efeitos agradáveis e de fortalecimento. Eles ocorrem em momentos diferentes e são sentidos como coisas diferentes. Quando sentimos prazer, não estamos necessariamente sentindo uma maior inclinação a se comportar da mesma maneira” (Skinner, 1987, p. 17).

A despeito de Skinner (1974) considerar os sentimentos envolvidos no processo de reforçamento, isso não implica que o efeito comportamental (o aumento da probabilidade) se deve, em última análise, ao efeito corporal (o prazer). Nas palavras do autor: “isso não significa que os sentimentos são causalmente efetivos; a resposta [à pergunta sobre o que a pessoa gosta ou sente] descreve um efeito colateral” (Skinner, 1974, p. 53).

Nesse ponto parece haver uma divergência entre Epicuro e Skinner. Mesmo considerando que seja um fato óbvio que indivíduos ajam para alcançar o prazer e evitar a dor, Skinner (1969), diferente de Epicuro, entende que não é o sentimento de prazer, mas são as consequências, no caso reforçadoras, que explicam por que os indivíduos se comportam na busca por determinadas coisas. Assim, o comportamento de buscar algo acontece porque, no passado, foi reforçado; “o comportamento torna-se uma busca somente após o reforçamento” (Skinner, 1974, p. 78). Embora os eventos reforçadores envolvidos nesse processo possam produzir prazer, não é o sentimen-

to de prazer e alívio da dor que elucida esse processo, mas as consequências reforçadoras positivas (associadas ao prazer) e consequências reforçadoras negativas (associadas ao alívio da dor), produzidas pelos comportamentos que fazem parte da classe comportamental “a busca por algo”.

O destaque comumente dado aos sentimentos na explicação do comportamento de “buscar algo”, e não às consequências reforçadoras produzidas por esse comportamento, deve-se, em parte, ao fato de que o efeito prazeroso, embora efêmero, ocorre de modo contíguo à consequência do comportamento e é, de modo geral conspícuo, pois é sentido (é uma condição corporal) como algo agradável.

O efeito fortalecedor, por sua vez, está relacionado com o aumento da força de um operante, isto é, ao aumento da probabilidade de emissão de um dado tipo de ação em contextos semelhantes. Skinner (1987) esclarece: “força é um conceito básico na análise do comportamento operante . . . Como um termo científico estabelecido, *força* refere-se à probabilidade de que um organismo se comportará de uma dada maneira em um dado tempo” (pp. 26-27).

Diferentemente do efeito prazeroso, o efeito fortalecedor do reforçamento é mais tardio e duradouro; ele se refere ao processo de estabelecimento de tendências a agir de um dado modo (operantes): “as condições que relatamos quando dizemos que um gosto, odor, som, imagem ou música é delicioso, agradável ou bonito são parte da situação imediata, enquanto que o efeito que podem ter ao mudar nosso comportamento é muito menos evidente” (Skinner, 1974, p. 53). Além disso, uma vez constituída uma tendência comportamental ou classe de ações (o operante), quando as ações semelhantes ao comportamento previamente reforçado são emitidas, “não sentimos o efeito prazeroso que sentimos quando o reforçamento ocorreu” (Skinner, 1987, p. 17).

Skinner (1987) explica que a relação entre efeito fortalecedor e prazeroso do processo de reforçamento positivo foi estabelecida por contingências filogenéticas de sobrevivência da espécie:

A associação de reforço com sentimento é tão forte que há muito se disse que as coisas reforçam porque se são sentidas como boas ou são sentidas como boas porque reforçam. Devemos

dizer, em vez disso, que as coisas são tanto sentidas como boas e reforçam por causa da evolução da espécie. (p. 17)

Segundo Skinner (1981/2007), uma das condições para o surgimento do processo de reforçamento operante foi o desenvolvimento de uma sensibilidade evoluída às consequências imediatas do responder e às propriedades sensoriais de alguns eventos envolvidos nessas consequências. Skinner (1984) exemplifica:

se comer um determinado tipo de alimento teve valor de sobrevivência (como o que explica o comportamento de comer o alimento), *uma maior tendência* a comer, porque o *sabor da comida* se tornou um reforçador, também deve ter tido valor de sobrevivência [itálicos adicionados]. (p. 219)

Do ponto de vista evolutivo, os organismos presumivelmente comem alimentos nutritivos porque variações genéticas que aumentaram a probabilidade desse comportamento contribuíram para a sobrevivência do indivíduo e da espécie a qual pertencia e, portanto, foi selecionado. Todavia, com o surgimento do condicionamento operante, o comer também se explica por outras razões: pelas consequências imediatas de comer esses alimentos, que passam a envolver também uma “susceptibilidade evoluída ao reforçamento operante por meio de um sabor específico” (Skinner, 1984, p. 219).

É justamente no contexto de surgimento do reforçamento operante que emerge a questão do prazer, ou do gosto bom do alimento: “eles comeram por duas razões: o comportamento era inato e era também reforçado por suas consequências. É o efeito reforçador, não a tendência genética de comer, que relatamos quando dizemos que os alimentos têm ‘gosto bom’” (Skinner, 1987, p. 17). No cenário evolutivo, os organismos que comiam um determinado tipo de alimento também pelo seu gosto particular aprenderam mais rapidamente a encontrar esses alimentos e a lembrar onde os encontrar, aumentando suas chances de sobrevivência (Skinner, 1984). Sendo assim, o fato de um evento reforçador fortalecer o comportamento que o produz e também gerar prazer teve um importante papel na his-

tória evolutiva das espécies.

Contudo, Skinner (1981/2007) ressalta que com o surgimento do reforçamento operante, novas topografias de respostas puderam ser selecionadas e mantidas pelas consequências imediatas. Além disso, elas não estão obrigatoriamente relacionadas com a sobrevivência da espécie: “quando, por meio da evolução de susceptibilidades especiais, o alimento . . . torna-se reforçador, novas formas de comportamento podem ser estabelecidas . . . O comportamento assim condicionado não precisa ser adaptativo; alimentos não saudáveis são ingeridos” (Skinner, 1981/2007, p. 130). As consequências reforçadoras podem, então, manter comportamentos incompatíveis com a sobrevivência da espécie. Skinner (1987) destaca, ainda, que algumas práticas culturais do ocidente têm contribuído para acentuar não só os conflitos entre ontogênese e filogênese, mas também entre ontogênese e cultura, ameaçando as possibilidades de uma vida feliz.

### Prazer e (in)felicidade em Skinner

Como já mencionado, as nuances antiplatônicas do comportamentalismo radical se verificam na proposta de explicar o comportamento com base no conceito de contingência de reforçamento, circunscrevendo a explicação dos fenômenos psicológicos *neste mundo*. É recorrendo a esse conceito e, portanto, a *este mundo*, que Skinner discutirá, à semelhança de Epicuro, as condições favoráveis a uma vida feliz.

De acordo com Skinner (1974), a felicidade é um sentimento que está associado a contingências de reforçamento positivo – “a felicidade é um sentimento, um subproduto do reforçamento operante. As coisas que nos fazem feliz são as coisas que nos reforçam” (p. 78). Tendo em vista as discussões realizadas acerca do reforçamento operante, em especial o reforçamento positivo, é possível destacar que a felicidade envolve tanto o efeito prazeroso quanto o efeito fortalecedor do processo de reforçamento.

Dessa perspectiva, a felicidade está, portanto, atrelada a uma vida prazerosa: “quando agimos por causa das consequências que foram positivamente reforçadoras, dizemos que fazemos o que *gostamos* de fazer, ou o que *queremos* fazer. E nos sentimos felizes” (Skinner, 1979/1990, p. 105).

No entanto, a noção de felicidade em Skinner



(1974, 1979/1990, 1987) não se esgota no sentimento de prazer (efeito prazeroso). É necessário considerar a própria ação: “*agimos* para alcançar a felicidade” [itálicos adicionados] (Skinner, 1974, p. 78). Em outros termos, o prazer sentido em uma vida feliz está associado aos reforçadores positivos *produzidos pela própria ação do indivíduo*: “mas [a felicidade] está em se comportar por causa dos reforçadores positivos que se seguiram [ao comportamento]” (Skinner, 1979/1990, p. 106). Desse modo, a mera “posse de reforçadores positivos” (Skinner, 1979/1990, p. 106) ou a simples disponibilidade de eventos reforçadores, não contingente a nenhuma ação específica, não parece ser garantia de felicidade. Skinner (1979/1990) complementa o ponto dizendo que “o rico logo descobre que uma abundância de coisas boas só o faz feliz apenas se o torna capaz de se comportar de maneiras que são positivamente reforçadas por outras coisas boas” (p. 106). Sendo assim, os prazeres envolvidos em uma vida feliz devem ser contingentes a determinados tipos de ações e devem gerar uma *tendência a agir* (efeito fortalecedor).

Tendo em vista esses aspectos, Skinner (1987) descreve como *infelizes* as pessoas que não agem ou que não exibem uma tendência de ação; pessoas infelizes são “entediadas, apáticas ou deprimidas” (Skinner, 1987, p. 15). A infelicidade consistiria, assim, em repertórios comportamentais constituídos por operantes fracos: “o ocidente sofre de falta de vontade (o que é chamado de abulia), uma falta de compaixão (o que é chamado de apatia), uma fraqueza dos nervos (o que é chamado de neurasenia), ou uma falta de libido . . .” (Skinner, 1987, p. 27). Dessa maneira, “enquanto milhares de milhões de pessoas em outras partes do mundo não podem fazer muitas das coisas que querem fazer, centenas de milhões de pessoas no ocidente não querem fazer muitas das coisas que podem fazer” (Skinner, 1987, p. 25).

Skinner (1987) critica, então, a cultura ocidental por enfatizar apenas o efeito prazeroso do reforçamento e negligenciar o efeito fortalecedor na busca pela felicidade. Ao fazer isso, as práticas culturais do ocidente criam condições para que eventos prazerosos sejam obtidos facilmente, e de modo não contingente a nenhum comportamento relevante e, com isso, “o ocidente tem perdido sua

inclinação para agir” (p. 25). Se na evolução das espécies os efeitos prazeroso e fortalecedor estavam associados nas contingências de reforçamento, na evolução cultural ocidental há práticas que propiciam o surgimento de coisas que têm efeitos prazerosos, “mas que não são coisas cujas conseqüências tornam-se fortalecedoras” (Skinner, 1987, p. 24).

No âmbito dessas práticas, o que parece estar sendo reforçado é apenas o comportamento que faz com o que indivíduo entre em contato com coisas prazerosas, e apenas isso: “pinturas bonitas reforçam o olhar para elas, comidas deliciosas reforçam o comê-las, performances divertidas e jogos emocionantes reforçam assisti-los, e livros interessantes reforçam lê-los – *mas, nada mais é feito*” [itálicos adicionados] (Skinner, 1987, p. 24). Nesse contexto, as pessoas estão se tornando “expectadoras” do comportamento operante de outros. Elas assistem a programas de culinária, de artesanato, de pintura; elas podem comprar comidas, objetos e quadros, mas elas não aprendem os comportamentos de cozinhar, construir objetos e pintar quadros e deixam de sentir o prazer advindo da produção dos reforçadores naturais envolvidos nesses comportamentos. Skinner (1987) também reitera a importância de agir no mundo para além das ações de “apreciação”:

. . . pode parecer impossível que alguém não apreciasse passar a vida olhando para coisas bonitas, comendo comidas deliciosas, assistindo a atuações divertidas e jogando roleta. Mas seria uma vida na qual *quase nada mais seria feito*, e poucos daqueles que foram capazes de experimentá-la têm sido notadamente felizes [itálicos adicionados]. (p. 24)

Nesse ponto é possível entender por que as pessoas no ocidente estão infelizes, a despeito de poderem usufruir de muitos eventos prazerosos. Em alguns casos, esses eventos não são produzidos pela própria ação dessas pessoas; eles são simplesmente disponibilizados. Além disso, alguns desses eventos não são contingentes a nenhum comportamento relevante do indivíduo, não gerando, portanto, uma tendência de ação (operante forte). Mais do que isso, se alguma tendência é gerada, é apenas aquela relacionada a comportamentos que meramente propiciam o contato com esses eventos prazerosos.

Skinner (1987) conclui que existem práticas culturais no ocidente, a exemplo das que foram citadas, que estão “corroendo” as contingências de reforçamento positivo. O problema da vida no ocidente não seria, portanto, o excesso de reforçadores, mas, “que os reforçadores não são *contingentes* aos tipos de comportamento que mantêm o indivíduo ou promovem a sobrevivência da cultura ou das espécies” [itálicos adicionados] (Skinner, 1987, p. 24).

Trata-se, doravante, de investigar quais seriam os tipos de comportamento aos quais Skinner se referiu e que participariam daquilo que ele considera uma vida feliz.

### Algumas condições favoráveis a uma vida feliz

De uma perspectiva skinneriana, ser feliz não significa simplesmente sentir prazer. Trata-se de *agir* e *sentir* prazer: o prazer associado a uma vida feliz é aquele advindo de reforçadores positivos produzidos pela ação do indivíduo e que geram uma tendência comportamental. Em outros termos, ele faz coisas e essas coisas fortalecem operantes que geram outras coisas boas. Isso não significa, contudo, que qualquer comportamento operante e qualquer prazer associado aos eventos reforçadores positivos produzidos estejam relacionados à felicidade.

À semelhança de Epicuro, o prazer de uma vida feliz é um prazer relacionado a um corpo saudável: “sente-se bem quem sente um corpo sadio, livre de dores e sofrimento. Sente-se bem quem sente um corpo que foi positivamente reforçado” (Skinner, 1989, p. 83). Os comportamentos que propiciam uma vida feliz seriam aqueles que garantiriam a saúde do corpo. Comer, por exemplo, seria um comportamento necessário para isso, e o alimento um reforçador básico para garantir a própria saúde do indivíduo. Na história evolutiva da espécie humana, foi desenvolvida uma susceptibilidade ao reforço a alimentos doces e salgados. Assim, ser reforçado também pelo gosto particular desses tipos de alimentos, presumivelmente, teve valor de sobrevivência, já que havia pouca disponibilidade desses tipos alimentos e pelo fato de que eles eram altamente nutritivos (Skinner, 1987, p. 4). Em termos epicuristas, pode-se dizer que esse tipo de reforçador (alimento) seria um desejo natural e necessário.

Contudo, Skinner (1987) mostra que algumas práticas culturais têm disponibilizado uma variedade muito grande de alimentos doces e salgados, na forma de iguarias e pratos requintados, criando, outrossim, condições para o seu consumo fácil e rápido. No contexto dessas práticas, e com a manutenção da susceptibilidade ao reforço pelo açúcar e sal, “comemos muito mais sal e açúcar do que é bom para nós” (Skinner, 1987, p. 4), acarretando uma série de doenças, como hipertensão, diabetes e obesidade. Ao participar desse tipo de contingência, esse reforçador (o alimento) também produz um prazer, mas um prazer associado a uma condição de infelicidade, já que compromete a saúde do corpo – em uma ótica epicurista, eles tornam-se desejos naturais e não necessários. Skinner (1987) esclarece o ponto:

A natureza humana . . . está desatualizada. É o produto de um mundo que, em muitos aspectos, era muito mais ameaçador do que hoje. Nesse mundo menos hospitaleiro, por exemplo, os organismos evoluíram de maneira que comessem o máximo possível sempre que pudessem, especialmente o sal e o açúcar, que tinham uma oferta muito pequena. E só porque isso se tornou a natureza humana, que agora produzimos e comemos muito mais do que precisamos, especialmente as coisas salgadas e doces que têm gosto bom, e nós arruinamos a nossa saúde e esgotamos lentamente a terra arável do mundo. (p. 47)

Nesse caso, para que os prazeres advindos de reforçadores mais básicos, como os alimentos, propiciem uma vida feliz, eles devem estar relacionados a comportamentos de autocontrole (Skinner, 1953), para que a ingestão desses tipos de alimentos não deteriore a integridade orgânica. Trata-se, pois, de comer com prudência, para fazer alusão a Epicuro. Com um repertório de autocontrole, o indivíduo é capaz de manipular variáveis ambientais que aumentem a probabilidade de emissão de comportamentos que podem até ter algum efeito aver-sivo imediato, como comer menos uma refeição muito saborosa, ou comer em menor frequência e quantidade alimentos menos doces ou gordurosos, em função de consequências reforçadoras positivas mais tardias, exemplificadas aqui pela noção de saúde do corpo.

A felicidade, na perspectiva skinneriana, envolve também a “tranquilidade do espírito”. De um viés comportamentalista, isso significa uma vida na qual não predominem contingências aversivas de reforçamento negativo que produzem, por exemplo, inquietação, preocupação e ansiedade. Skinner (1987) verifica que a infelicidade das pessoas no ocidente também está relacionada à dificuldade de relaxar ou, simplesmente, de parar para desfrutar a vida:

Parece que deve haver algo que deveria estar fazendo. Como resultado, poucas pessoas simplesmente não podem fazer nada. Eles podem relaxar apenas com a ajuda de sedativos ou tranquilizantes, ou praticando o relaxamento deliberadamente. Elas podem dormir apenas com a ajuda de pílulas para dormir, das quais bilhões são vendidas no ocidente a cada ano. As pessoas ficam intrigadas, e até invejosas, quando veem outras se sentindo bem não fazendo nada, em países menos desenvolvidos. (Skinner, 1987, p. 29)

Skinner destaca aqui que uma vida feliz não seria aquela regida por contingências de reforçamento negativo, nas quais as pessoas agem exclusivamente para evitar perdas e se livrar de condições aversivas (Skinner, 1979/1990). Para manter a tranquilidade do espírito é preciso investir em contingências de reforçamento positivo. Todavia, não se trata de qualquer contingência desse tipo. Contingências de reforçamento positivo associadas a eventos aversivos atrasados não parecem fazer parte daquilo que Skinner considera uma vida feliz. Assim, essa ponderação (autocontrole) entre eventos reforçadores positivos imediatos e consequências aversivas atrasadas também deve ser estendida para outros domínios da vida. Por exemplo, os prazeres envolvidos no jogar compulsivo ou no uso de drogas euforizantes são alguns casos que, diante da possibilidade de produzirem consequências aversivas em longo prazo, não são prazeres que devem ser almejados para se ter uma vida feliz (Skinner, 1979/1990). Então, “o que é chamado de reforçadores positivos condicionados podem, muitas vezes, ser utilizados com resultados aversivos adiados” (Skinner, 1971/2002, p. 33). Frente a esse cenário, a análise das consequências em longo prazo do efeito

prazeroso parece ser necessária, o que torna importante o desenvolvimento de um repertório de autocontrole para se ter uma vida feliz.

Dando continuidade a essa análise, Skinner (1969) parece afirmar que não é qualquer tipo de evento reforçador positivo que resulta em uma vida feliz. Ele critica, por exemplo, o comportamento que é excessivamente controlado por reforçadores artificiais ou arbitrários, tais como prêmios, títulos, dinheiro, elogio, bajulação ou aclamação profissional. Trata-se dos desejos inúteis a uma vida feliz na perspectiva epicurista, uma vez que a busca por esses reforçadores pode comprometer a tranquilidade das pessoas – elas farão tudo para alcançá-los e tudo para mantê-los. Em termos analítico-comportamentais, como são reforçadores sociais generalizados, cujo valor reforçador independente de condições específicas de privação, eles podem participar dos mais diversos tipos de controle social, inclusive de formas de controle abusivo ou opressores (e. g. Skinner, 1971/2002, 1987).

Mesmo identificando alguns problemas relacionados também aos reforçadores naturais, Skinner (1987) parece associar uma vida feliz mais a esses tipos de reforçadores que aos artificiais: “em geral, ao permitir que as contingências naturais assumam o controle sempre que possível, geramos comportamentos que são mais prováveis de serem apropriados a qualquer ocasião em que possam ocorrer de novo e, ao fazê-lo, promovemos a sobrevivência do indivíduo, da cultura e das espécies” (p. 176). Essa defesa se verifica em diferentes domínios da vida, como no contexto escolar e terapêutico (e.g. Skinner, 1987, p. 177), nas relações de trabalho (e.g. Skinner, 1987, pp. 18-20) e, de modo geral, no contato interpessoal, como no controle face a face (e.g. Skinner, 1978, p. 11).

Até o momento, a noção skinneriana de felicidade está associada, de modo preponderante, à contingência de reforçamento positivo, embora não a qualquer tipo de eventos reforçadores positivos nela envolvidos. Uma vida feliz seria aquela na qual o controle aversivo não vigora. Em alguns momentos, Skinner chega a identificar a busca pela felicidade com a busca de uma sociedade cujas relações não fossem permeadas pela punição (Skinner, 1979/1990, p. 105). Contudo, no rastro de Epicuro, Skinner não parece reduzir uma vida feliz à completa ausência de eventos aversivos. Tecendo paralelos com a teoria

epicurista, nem todo evento aversivo (dor, no caso de Epicuro) deve ser evitado se levar a um evento reforçador positivo maior (prazer) em longo prazo. Skinner (1987) considera, por exemplo, a intolerância à situação aversiva – por mais branda que seja – uma fonte de infelicidade. De acordo com Skinner (1987), por milhares de anos as pessoas têm encontrado diferentes modos de se livrar de consequências aversivas. Com o desenvolvimento de tecnologias, sobretudo, os indivíduos conseguiram ser poupados de trabalhos extenuantes e de condições climáticas extremas. Entretanto, as pessoas têm se tornando cada vez mais dependentes dos confortos fornecidos por esse desenvolvimento – e as pessoas têm agido cada vez menos para conseguir o que querem (Skinner, 1969) –; por conseguinte, há uma crescente intolerância ao desprazer (Skinner, 1987).

Relutamos em aceitar não somente as restrições impostas por governos tirânicos e religiões, mas também a aceitar cintos de segurança, capacetes e sinais de proibido fumar. Fugimos não só de extremos dolorosos de temperatura e trabalho exaustivo, mas também dos mais brandos desconfortos e incômodos. Como resultado, restou muito pouco do que fugir ou evitar. As consequências fortalecedoras do reforçamento negativo, que nós desfrutamos como alívio, se perderam. (Skinner, 1987, p. 21)

Isto mostra a importância do desenvolvimento de um repertório de enfrentamento de condições aversivas para uma vida feliz<sup>1</sup>, pois a produção de consequências reforçadoras naturais (como a compreensão de um texto difícil, a construção de um objeto complexo, etc.), que assume um papel importante na definição skinneriana de felicidade, muitas vezes envolve comportamentos que geram algum evento aversivo de modo imediato. Nesse ponto, Skinner e Epicuro parecem convergir na tese de que nem todo o prazer (reforçador positivo) deve ser buscado, assim como nem toda dor (evento aversivo) deve ser evitado.

Além disso, vale destacar também que, para Skinner (1969), a felicidade não é apenas uma questão restrita à esfera individual. Dito de outro modo, garantir a felicidade do indivíduo também é importante à sobrevivência das culturas, pois, são

indivíduos infelizes e amedrontados que “recorrem a guerras” (Skinner, 1979/1990, p. 105). Segundo Skinner (1969), a força de uma cultura depende do que os seus membros fazem em seu tempo de lazer. Uma cultura que sacrifica o efeito prazeroso do lazer para promover o “bem comum” – como em tempos de guerra ou de austeridade – pode gerar indivíduos descontentes e ressentidos. Desse modo, a existência do prazer parece ser um critério importante para a sobrevivência ou perecimento de uma cultura.

Por outro lado, Skinner (1969) destaca que não é qualquer tipo de prazer que contribui para o fortalecimento de uma cultura. Em suas palavras: “uma cultura não é fortalecida quando seus membros não fazem nada, consomem excessivamente, usam drogas que os invalidam, engajam-se em comportamentos repetitivos de apostas . . .” (p. 70). Então, o prazer que fortalece uma cultura é um prazer que não gere consequências aversivas em longo prazo; e que seja contingente a comportamentos importantes para a cultura tais como os comportamentos envolvidos na pesquisa e exploração científica, na produção da história, literatura, música e artesanato (e.g. Skinner, 1969, p. 71). Tais comportamentos além de produzirem sentimento de prazer para o indivíduo, contribuem para a sobrevivência das culturas.

Em suma, Skinner (1987) esclarece a noção felicidade em bases comportamentalistas. Nesse entendimento, a felicidade, entendida no âmbito do comportamento, envolveria operantes que produzem reforçadores positivos, que propiciam o sentimento de prazer (o desfrute da vida), o gostar do que se faz (efeito prazeroso), bem como o fazer o que se gosta (efeito fortalecedor), acarretando, assim, na formação de operantes fortes. Ambos os efeitos, prazeroso e o fortalecedor, convergem-se nas contingências de reforçamento, gerando repertórios efetivos e úteis para o indivíduo e para a cultura.

## O alcance de uma interpretação epicurista do comportamentalismo radical

A filosofia epicurista visa esclarecer mitos e crenças que acarretam em sofrimentos desnecessários, desconstruir as ficções que geram medos e de-

pendências. Nesse aspecto, o epicurismo aspira a um ser humano autárquico, não mais à mercê das vontades divinas, nem dos desejos inúteis. Epicuro (n.d./2002) desdenha a crença de que os deuses são responsáveis pela vida dos seres humanos, defende a materialidade e finitude do corpo e da alma, destaca a importância de se viver o presente sem negar o futuro, mas tê-lo como incerto e aceitar que o passado não se pode mudar. Em suas palavras: “não devemos estragar o que está presente pelo desejo do que está ausente” (Epicuro, n.d./2014, p. 38). Desse modo, Epicuro desconstrói os “apoios” metafísicos que sustentariam uma felicidade extraterrena, calculada no futuro ou na nostalgia.

O prazer na filosofia epicurista é condição para a felicidade, uma vez que ele é o início e o fim de uma vida feliz (Epicuro, n.d./2002). Contudo, a concepção de prazer adotada por Epicuro não é o gozo irrestrito dos sentidos. Longe disso, Epicuro (n.d./2002), embasado pelo conhecimento da lógica dos desejos, propõe um cálculo dos prazeres. Em vista disso, nem todo prazer deve ser escolhido, assim como nem toda a dor deve ser evitada. Avaliam-se os benefícios ou malefícios advindos da escolha ou recusa do prazer e desprazer.

Nesse sentido, é possível traçar um paralelo com o comportamentalismo radical à medida que Skinner (1987) parece afirmar que nem todo reforçador positivo deve ser escolhido – uma vez que deles podem decorrer consequências aversivas remotas –, tal como nem todo evento aversivo deve ser evitado – há consequências reforçadoras positivas produzidas em longo prazo no enfrentamento de situações aversivas. É preciso, pois, considerar as consequências remotas dos comportamentos: o reforçador positivo acarretará em relações escravizadoras e subjugadoras? O evento aversivo, uma vez enfrentado, proporcionará reforçadores posteriores? Desta forma, Skinner parece se aproximar da concepção de felicidade epicurista.

A perspectiva de futuro do mundo atual encontra-se ameaçada por vários problemas, tais como: superpopulação, possibilidade de guerras nucleares, esgotamento e devastação dos recursos naturais, poluição do meio ambiente (Skinner, 1971/2002, 1987). Esses estão, em grande maioria, relacionados com a busca desmedida do efeito prazeroso do reforçamento, desconsiderando-se as consequên-

cias em longo prazo dessas ações; ou, em termos epicuristas, essas questões são, em grande parte, derivadas do uso imprudente dos prazeres. Diante disso, o cálculo dos prazeres proposto por Epicuro e o equilíbrio entre os efeitos prazeroso e fortalecedor do reforçamento podem ser alternativas a algumas dessas questões que ameaçam as espécies, os indivíduos e as culturas.

Nesse contexto, o repertório de autocontrole, ou prudência em termos epicuristas, parece ser primordial para ajudar o indivíduo a evitar comportamentos associados a consequências aversivas postergadas, como a dependência química, o consumismo e às contingências especiais arranjadas pelos sistemas de jogos de azar (e.g. Skinner, 1969, p. 71). Por outro lado, operantes fortes são requeridos para o desenvolvimento e manutenção de comportamentos que produzem reforçadores positivos para o indivíduo e que também são consistentes com a sobrevivência das culturas. O cálculo dos prazeres e o equilíbrio entre os efeitos do reforçamento parecem pertencer ao âmbito do indivíduo. No entanto, sua realização – ou não realização – tem implicações significativas na vida das outras pessoas, especialmente das outras pessoas que viverão no futuro. Diante disso, é possível destacar o caráter ético da felicidade nessas filosofias.

No epicurismo, a felicidade individual é diretamente relacionada à figura do outro, pois a felicidade é inconcebível apartada da justiça e da amizade. A justiça, como uma virtude, não existe em si mesma, mas sim, nas “relações recíprocas, quaisquer que sejam seu âmbito e as condições dos tempos, uma espécie de pacto a fim de não prejudicar nem ser prejudicado” (Epicuro, n.d./2010, p. 55). A amizade é a riqueza mais importante que a sabedoria proporciona a uma vida feliz (Epicuro, n.d./2010); ela é uma relação de reciprocidade e escolha – elegem-se pessoas das quais se quer viver próximo (Epicuro, n.d./2014). Skinner (1987), por sua vez, parece destacar a importância de uma concepção de felicidade que não comprometa o futuro das culturas: “quantas das guerras da história foram travadas – quantas poderiam ser travadas – apenas porque as pessoas não desfrutaram suas vidas?” (p. 30). Com isso, ampliam-se os horizontes a serem considerados no cálculo dos

prazeres e no equilíbrio dos efeitos prazeroso e fortalecedor: os efeitos da escolha de um prazer ou de um desprazer às outras pessoas – sejam elas do presente ou do futuro.

## Referências

- Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971).
- Brun, J. (1959). *O epicurismo*. Lisboa: Edições 70.
- Chauí, M. (2010). Epicuro e o jardim. In *Introdução à história da filosofia: As escolas helenísticas, volume II* (pp. 70-111). São Paulo: Companhia das Letras.
- Comte-Sponville, A. (2001). *A felicidade, desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Epicuro. (2002). *Carta sobre a felicidade: A Meneceu* (A. Lorencini & E. D. Carratore, trads.). São Paulo: Editora UNESP. (Trabalho original publicado em n.d.).
- Epicuro. (2008). Carta a Heródotos. In D. Laértios (Org.), *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres* (pp. 291-302). Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em n.d.).
- Epicuro. (2010). *Máximas principais* (J. Q. M. Moraes, trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em n.d.).
- Epicuro. (2014). *Sentenças vaticanas* (J. Q. M. Moraes, trad.). São Paulo: Editora Loyola. (Trabalho original publicado em n.d.).
- Ferrater Mora, J. (2001). *Dicionário de filosofia: (E-J)* (M. S. Gonçalves et. al., trads.). São Paulo: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1994).
- Leão, M. de F. F. C. & Laurenti, C. (2009). Uma análise do modelo de explicação no behaviorismo radical: O estatuto do comportamento e a relação de dependência entre eventos. *Interação em Psicologia*, 13(1), 165-174.
- Onfray, M. (2008). *Contra história da filosofia: As sabedorias antigas* (Vol. 1). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 2006).
- Platão. (1961). Fédon. In *Diálogos II Fédon – Sofista – Político* (J. Paleikat & J. C. Costa, trads.). Porto Alegre: Editora Globo S. A. (Trabalho original publicado em n.d.).
- Schopenhauer, A. (2001). *A arte de ser feliz exposta em 50 máximas* (M. Fleischer, E. Brandão & K. Jannini, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: The MacMillan Company.
- Skinner, B. F. (1957). A functional analysis of verbal behavior. In *Verbal behavior* (pp. 1-12). New York: Appleton-Century-Crofts, Inc.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. New York: Meredith Corporation.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. New Jersey: Prentice-Hall Inc.
- Skinner, B. F. (1984). The evolution of behavior. *Journal of The Experimental Analysis of Behavior*, 41(2), 217-221.
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further the reflection*. New Jersey: Prentice-Hall Inc.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Ohio: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (1990). The non-punitive society. *Japanese Journal of Behavior Analysis*, 5(2), 87-106. (Trabalho original publicado em 1979).
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc. (Trabalho original publicado em 1971).
- Skinner, B. F. (2007). Seleção pelas consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137. (Trabalho original publicado em 1981).
- Reale, G. (2006). *História da filosofia antiga: Os sistemas da era helenística*. São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1975).

### Informações do Artigo

#### Histórico do artigo:

Submetido em: 19/12/2016

Primeira decisão editorial: 30/05/2017

Aceito em: 23/07/2017

Editor Associado: Diego Zilio